

1

The Mulberry Bush

A noite passada sonhei que tinha voltado à casa do avô. O jardim estava submerso em nevoeiro e o vento muito frio trazia-nos os sons indistintos da charneca.

Nós brincávamos aos fantasmas.

— Não vêem um fantasma naquela janela?

Lizzie, Miranda, John e eu. Devíamos ter nove ou dez anos, como na altura em que nos conhecemos. A primeira vez que os nossos pais nos mandaram para a casa do avô, nas férias de Verão.

Era o tempo em que acreditávamos em seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço. Mas nos primeiros dias nenhum de nós acreditava muito na existência da charneca: era uma palavra, um outro nome para o nevoeiro. Só duas semanas depois de termos chegado começou a dissipar-se: à noite já víamos algumas estrelas, encostámo-nos à janela da sala de estar e Lizzie contou-as em voz alta.

Na manhã seguinte o mundo estava transformado, a paisagem a preto-e-branco revelava-se uma paisagem a cores, cheia de luz e de tonalidades inesperadas. As árvores eram muito mais altas do que pensávamos, as sebes estavam mal aparadas e as flores dos canteiros quase desapareciam no meio das ervas. Lembro-me de termos corrido para fora e de ficarmos imóveis durante muito tem-

po a olhar a velha casa. Afinal era só uma casa de campo inglesa de tijolo avermelhado, com as chaminés simétricas e as paredes cobertas de vinha virgem, e não havia fantasmas nas janelas.

E do outro lado do portão estendia-se a charneca.

Mas no meu sonho estava nevoeiro, o jardim submerso em nevoeiro, e nós corríamos por entre as árvores; a certa altura Lizzie começou a cantar e acompanhámo-la instintivamente.

Não dançávamos, nenhum de nós sabia dançar, mas os nossos movimentos ganharam um ritmo estranho, quase inconsciente, e as nossas vozes reflectiam a sabedoria velha e implacável das crianças quando estão a cantar.

*Here we go round the mulberry bush,
The mulberry bush, the mulberry bush.
Here we go round the mulberry bush,
On a cold and frosty morning.*

Quando despertei pareceu-me ouvir ainda as nossas vozes ao longe, *on a cold and frosty morning*.

E com uma sensação de irrealidade percebi que estava mesmo na casa do avô.

A vivenda chamava-se Wistaria Hall: no alpendre e nas árvores mais próximas cresciam lilases que nunca vimos em flor. Mas para nós era simplesmente a casa do avô.

Estava num dos quartos do rés-do-chão. Embora o avô tivesse morrido há muitos anos, escolhêramos sem pensar um dos quartos do rés-do-chão, aquele onde John e eu dormíamos em pequenos.

A mulher ao meu lado continuava adormecida, um sono profundo e tranquilo que eu conhecia bem. O seu cabelo era tão louro como antigamente mas estava muito mais curto; tinha o mesmo cheiro, cheiro a Johnson's ou algo do género.

Ela usava um perfume americano de uma marca conhecida, uma mistura de tangerina, limão e um cheiro acre mas agradável

que eu não conseguia identificar. Mas o seu cabelo continuava a ter o cheiro de antigamente, cheiro a leite, e era macio e saudável, suponho que nunca o pintara, nunca fizera madeixas, limitava-se a lavá-lo com o mesmo champô.

O pendente do seu colar deslizara para trás. A rosa de prata, aberta, com um minúsculo diamante branco. Quando ela se moveu ligeiramente ficou oculto pelo seu cabelo.

O meu último amor. A noite passada numa festa encontrei o meu último amor. O princípio de um conto de que ambos gostávamos. O que sentia era doce e amargo ao mesmo tempo, ignorava se ela estava ali porque ainda me amava ou para obter algo de mim. Era nisso que nos tínhamos transformado, dois seres quase sórdidos, ou simplesmente mais fanáticos do que nunca.

Levantei-me com cuidado para não a despertar. Mas ela voltou-se e abriu os olhos.

— Ainda é muito cedo. Dorme.

— Que horas são?

— Seis e meia.

— Chamas-me depois?

— Sim.

— Está bem.

A mulher voltou-se para o lado e afundou o rosto na almofada. Esperei alguns minutos até me certificar de que adormecera de novo.

Perguntei a mim mesmo com que sonhava. Ela tinha um ar tão tranquilo...

Talvez sonhasse com os quatro meninos que brincavam no jardim, no meio do nevoeiro. Não vêem um fantasma naquela janela?

Na verdade, eram oito e cinco da manhã. Mas ainda fazia escuro, como se fosse noite fechada.

Vesti a roupa que ficara sobre uma cadeira, misturada com a dela, e saí do quarto.

A casa estava muito fria. Nenhum de nós sabia ligar o aquecimento e só o monte de cobertores que ela pusera sobre a cama nos impedira de gelar durante a noite.

Fui à cozinha, onde uma vela ardera até ao fim, e lavei o rosto na água gelada. Tirei uma chávena do armário e passei-a por água. O café quente do termos fez-me sentir melhor.

Depois dirigi-me à escadaria que ficava no centro da casa. Parei junto ao primeiro degrau. Era novamente um menino pequeno no patamar de um outro mundo. A casa era na verdade duas casas. O rés-do-chão, onde vivíamos com a governanta, Emily, e o primeiro andar onde vivia o avô. Um espaço cheio de fantasmas que por vezes avistávamos do jardim.

Comecei a subir as escadas e os degraus pareceram-me muito altos. Pensei absurdamente que não ia surgir ninguém no caminho para me impedir de continuar.

A biblioteca do avô. A lareira não estava acesa, como na noite em que lá tínhamos entrado às escondidas, e o cheiro do cachimbo do avô desaparecera por completo. Ou talvez não.

Aproximei-me de uma das janelas e afastei as pesadas cortinas de veludo; o jardim estava mergulhado em nevoeiro, como no sonho. Por instantes, tive a impressão de ver quatro crianças a correr lá em baixo, por instantes chegou aos meus ouvidos a velha cantiga.

*This is the way we brush our hair,
Brush our hair, brush our hair.
This is the way we brush our hair,
On a cold and frosty morning.*

Era uma manhã fria e gelada.

Voltei-me para o interior. As estantes de madeira antigas, as fileiras de livros encadernados em que ninguém tocava há muitos anos; alguns amontoavam-se no chão, formando estreitos corre-

dores. Os quadros que representavam o Tamisa ao anoitecer, ruas escuras, lojas, candeeiros.

O avô era historiador e arqueólogo, talvez a pessoa que melhor conhecia aquela região. Passava o dia inteiro na biblioteca a escrever; mas também percorria a charneca de vez em quando, víamo-lo chegar ao entardecer, com uma velha mochila e o cajado.

Ele devia conhecer perfeitamente as pedras que eram antigos túmulos, que se encontravam em várias partes da charneca, e também as pequenas ilhas de difícil acesso no meio dos pântanos.

Sentei-me numa poltrona, perto da lareira, e acendi um cigarro. Precisava de pensar, de pôr as ideias em ordem.

Desde os oito anos que escrevia histórias nas noites solitárias do colégio, antes de apagarem as luzes. E quando estávamos juntos escrevia peças de teatro, e quando a chuva era demasiado forte para passearmos na charneca ou brincarmos no jardim, representávamo-las. Lizzie, Miranda, John e eu.

Às vezes penso que era por serem tão parecidas, porque secretamente também não se distinguiam uma da outra, que elas gostavam de representar. Muitas vezes interpretavam a mesma personagem. Mas em princípio Lizzie era a rapariga e Miranda a outra. Eu era o herói e John, o vilão.

Descansei a cabeça nas mãos. Era nisto que nos tínhamos transformado, dois seres quase sórdidos ou simplesmente mais fanáticos do que nunca. Porque Lizzie, a princesa, a heroína das minhas histórias, dormira comigo para conseguir um papel.